

Zé Bebelo ou a modernidade na periferia

João Marques Lopes (doutorando Prof. Vania Chaves. Resumo Berlim)

1. Introdução: a estória e a história

Desde cedo, vários críticos literários salientaram o medievalismo de *Grande Sertão: Veredas*. Entre eles, Cavalcanti Proença e Antônio Cândido. Em Novembro de 1957, este último considerava-o como um romance de cavalaria construído por cima do facto concreto do jaguncismo sertanejo. Num mundo desprovido de leis abstractas e movido por lealdades pessoais, a estória apresentaria bandos de cavaleiros-jagunços em sucessivas batalhas, extorsões, saques e violências, mas comportaria igualmente personagens capazes de exorcizar as forças mais demoníacas e praticar a justiça. Através de provas e ritos, Riobaldo seria armado cavaleiro, daí transitaria a pactário e daí a paladino vocacionado para derrotar o mal. Reinaldo, aliás Diadorim, aliás Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, seria a donzela-guerreira travestida de homem e imolada em prol da purificação do real. Otacíla seria a dama inspiradora¹.

¹ Cf. Antônio Cândido, “O Homem dos Aessos”, in *Guimarães Rosa*, colectânea organizada por Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, pp. 301-303. Cf. igualmente Cavalcanti Proença, *Trilhas no Grande Sertão*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958, pp. 13-30.

Em 1972, Walnice Nogueira Galvão aprofundou essa interpretação. No seu conhecido estudo *As Formas do Falso. Um Estudo sobre a Ambiguidade no “Grande Sertão”*, procurou encontrar as razões justificativas dos traços medievais do romance. Na sua opinião, haveria razões de ordem intelectual, de imaginário popular e de cariz sócio-económico. Na ficção, na crónica, na história, na antropologia e na sociologia, a tradição letrada brasileira tenderia a representar o sertão como um universo medieval. Na literatura oral e nos romances de cordel, o próprio imaginário popular dos sertanejos faria o mesmo em resultado da experiência de vida e de certas fontes como a *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França—Seguida da de Bernardo del Carpio que Venceu em Batalha aos Doze Pares de França*. Na sociedade, as relações seriam quase pré-capitalistas. A pecuária extensiva de bovinos não estaria orientada para o mercado capitalista desenvolvido, predominando formas arcaicas como a gandaia. A agricultura seria sobretudo de subsistência. O latifúndio seria dominado por senhores onnipotentes que mantinham na sua completa dependência moradores, posseiros, agregados e mão-de-obra, dada a quase inexistência de contratos jurídicos de arrendamento, posse e trabalho. A sociabilidade sertaneja imporia a figura do senhor que dispensava protecção e assistência, exigia fidelidade e obediência, e conservava ampla imunidade legal nas suas propriedades. Pelo sertão, predominariam os clãs feudais e parentais sustentados por bandos de jagunços armados e temidos pelo conjunto dos habitantes. O poder do Estado e da lei geral não penetrariam aí facilmente. Tudo isso facilitaria as analogias: latifúndio/feudo; coronel/senhor feudal; jagunços/cavaleiros andantes; sertão/mundo medieval².

Muito embora Walnice Nogueira Galvão tenha tais analogias na conta de exageros, o certo é que o substrato empírico e histórico do *Grande Sertão: Veredas* está marcado por um

² Cf. Walnice Nogueira Galvão, *As Formas do Falso. Um Estudo sobre a Ambiguidade no “Grande Sertão”*, São Paulo, Perspectiva, 1986, pp. 17-68.

arcaísmo situado nos antípodas da modernidade. Este arcaísmo contamina toda a estória, seja na acção, no espaço ou nas personagens. Pouco lhe escapa. Talvez, a cidade de Januária. Talvez, os militares, os procuradores, os juízes e outros civilizados meramente presentidos ao longe. Não é esse o caso de Zé Bebelo. Como veremos, esta personagem incarna o espírito racional da modernidade, mas a sua envolvência romanesca acarretará limites e contradições próprias das sociedades periféricas³.

2. Zé Bebelo e a modernidade

A modernidade é um conceito algo esquivo, mas pode-se remetê-la para um processo de ruptura com a Idade Média. Em Hegel, a “Modernität” era uma categoria epocal que recuava às cesuras operadas pela descoberta do Novo Mundo, pelo Renascimento e pela Reforma, mas que ganhara um dinamismo acentuado através das Luzes. Em Max Weber e nos primeiros cientistas sociais, ela cobria esse período e correspondia a um processo de emancipação da razão face à tutela da religião. A ciência e a técnica, a arte e a crítica de arte, o direito e a moral passaram a ser legitimadas por princípios internos e gerais, deixando de lado as formas de vida religiosas e tradicionais⁴. Assim sendo, o universo feudal e medieval das lealdades pessoais, dos particularismos e das impunidades era demolido por leis universais e abstractas emanadas da comunidade política centralizada no Estado. Ora, este processo político e

³ Categorias como “periferia”, “centro” e “sistema mundial” são aqui utilizadas a partir da leitura de Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, “A poesia e o sistema mundial”, in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Portugal: um Retrato Singular*, Porto, Afrontamento, 1993, pp. 93-128.

⁴ Cf. Jürgen Habermas, *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, pp.13-14 e 16-18.

jurídico há muito resolvido nos países centrais do sistema-mundo está ainda no cerne da representação literária criada por Guimarães Rosa no *Grande Sertão: Veredas*.

Na obra, o mandonismo local dos latifundiários, a violência dos jagunços e a incapacidade do governo para impor a nova ordem civilizacional no sertão são elementos essenciais do enredo. Quase todas as personagens se revelam inaptas para pensar a realidade social em termos abstractos e gerais, tomando normalmente como referências os laços pessoais e a casuística. Riobaldo, Reinaldo, Joca Ramiro, Hermógenes, Ricardão e outros chefes cabem todos na categoria da cordialidade definida por Sérgio Buarque de Holanda. O homem cordial guia-se pelas particularidades afectivas e sentimentais ditadas pelo coração e não pela universalidade dos princípios morais, jurídicos e políticos decorrente da razão. Ele não separa devidamente o privado e o público, a família e o Estado, o informal e o formal, a simpatia e o mérito. Exceptuando talvez a figura quixotesca de Medeiro Vaz, apenas a personagem de Zé Bebelo tem uma dinâmica de ruptura com a cordialidade e é certamente a única com um afã pela incorporação do sertão à racionalidade moderna.

Na Nhanva, quando Riobaldo o conhece na qualidade de seu professor e ele aparece por vez primeira na cronologia do enredo, Zé Bebelo tem como característica mais destacada a inteligência. “*Ele era a inteligência. Vorava. [...] com menos de um mês, Zé Bebelo se tinha senhoreado de reter tudo, sabia muito mais do que eu mesmo soubesse [...]*”⁵. A despeito da sua mania de querer ser deputado, o homem colocava essa inteligência ao serviço de desideratos gerais e abstractos. O objectivo era civilizacional. Passava por uma visão legalista, progressista e nacional. Riobaldo relembra os seus projectos e as suas palavras:

“ ‘Agora, temos de render este serviço à pátria—tudo é nacional!’ [...] ‘Sei seja de se anuir que sempre haja vergonha de jagunços, a sobre-corja? Deixa que, daqui a uns meses, neste nosso

⁵ Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 19ª edição, 2001, p. 145.

Norte não se vai ver mais um qualquer chefe encomendar para as eleições as turmas de sacripantes, desentrandando da justiça, só para tudo destruírem, do civilizado e legal!'. [...] Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas.”⁶.

Deixando para trás a Nhanva, Zé Bebelo encarnava a confiança na onipotência da razão (“Aquele queria saber tudo, dispor de tudo, poder tudo, tudo alterar”, diz algures Riobaldo). Inicialmente, ele e o seu grupo armado, que parecem sintomaticamente gozar do apoio do governo e de elementos urbanos, obtêm triunfos sobre os jagunços, fazem propaganda dos princípios republicanos, defendem a coesão nacional e tratam os prisioneiros de acordo com a lei.

No plano cronológico do enredo relatado por Riobaldo, estes primeiros momentos da campanha civilizadora de Zé Bebelo não conhecem nódoas significativas. Talvez, haja a pequena pecha de querer entrar para deputado e pequenas notas de enfado no discurso do narrador, mas o sertão não se mostra indefectivelmente refractário à lógica da modernidade e da racionalidade. Os indícios das suas limitações e contradições nessa enorme periferia representada no *Grande Sertão: Veredas* só afectaram ainda o plano da enunciação do narrador e o seu tempo não-linear. As sentenças a recobrir interesses particulares, como no caso da requisição de toda a boiada dos irmãos parricida; as requisições forçadas e os saques; as execuções a sangue-frio e tudo o que configura uma certa recaída de Zé Bebelo no jaguncismo ainda não estão seriamente em jogo. A paródia da modernidade no humilde veredeiro que suplica a Zé Bebelo: “*Não faz vivalei em mim não, môr-de-Deus, seu Zebedel*”⁷ não está ainda definitivamente assente.

⁶ Guimarães Rosa, *Op. cit.*, pp. 145-147.

⁷ Guimarães Rosa, *Op. cit.*, p. 94.

Por trás de Zé Bebelo, ecoam diversos projectos históricos de levar a civilização moderna ao sertão e homogeneizar o espaço nacional brasileiro. Cândido Roldon e os telégrafos. A campanha sanitarista. O nacional-desenvolvimentismo do movimento dos tenentes e do período getulista. De certo modo, tudo o que aponta para a cidade, para o litoral desenvolvido e para a modernidade perpassa essa figura singular no tempo e no espaço do *Grande Sertão: Veredas*. Durante as primeiras décadas da República Velha, as regiões envolventes do rio São Francisco não seriam propriamente propícias às ideias e às práticas sustentadas por Zé Bebelo.

3. O sertão e a periferia

Nas primeiras páginas do romance, o narrador introduz o leitor no sertão. A criação de gado à gandaia, o isolamento, o povoamento disperso, a impunidade e a lei do mais forte impõem logo uma imagem de atraso económico e social. O capitalismo desenvolvido, os pólos urbanos e as instituições jurídicas burguesas não têm aí força. As definições de Riobaldo são evidentes:

“Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. [...] O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!”⁸,

e trazem até agarradas um imaginário ainda muito preso à religião.

⁸ Guimarães Rosa, *Op. cit.*, pp. 24 e 35.

Com o decurso da enunciação e do enredo, avolumam-se os elementos que configuram uma realidade sertaneja arcaica e marcada pela presença de bandos de jagunços instrumentalizados por chefes latifundiários aparentados aos velhos patriarcas dos tempos das sesmarias outorgadas pela coroa portuguesa. Na representação literária do *Grande Sertão: Veredas*, abundam costumes, práticas e incidentes impróprios de sociedades modernas. Descontando as conhecidas execuções sumárias, os estupros de mulheres, as violências e as fraudes políticas, os saques e as requisições forçadas, aparecem ficcionalmente outras coisas há muito excluídas pela modernidade nos países centrais do sistema mundial capitalista e nas regiões desenvolvidas do próprio Brasil. A barbárie da esfolagem dos derrotados em batalha tem cabimento. A afiação dos dentes através de facas prossegue. O canibalismo por inadvertência e em consequência da escassez de víveres ainda ocorre esporadicamente. A peste ainda tem focos. Para salientar os limites e as contradições que a modernidade encontra para se estender no sertão, nada melhor do que o episódio em que o bando de Zé Bebelo Vaz Ramiro encontra os miseráveis moradores do lugarejo do Pubo a barrar o caminho e tem conhecimento de que grassa uma epidemia de peste de bexiga preta, no povoado do Sucruíú. Neste episódio, a Idade Média e o arcaico estão omnipresentes. A própria doença remete para aí. As armas dos moradores são lazarinas, bocudas baludas, garruchas, bacamartes e outras raridades há muito em desuso. O imaginário é bíblico e o surto epidêmico é entendido como um castigo divino. Os nomes enunciados são igualmente bíblicos e cristãos. E o dinheiro usado já está fora de circulação e está valorizado como antigualha rara:

“A que era um dobrão de prata, antigo do Imperador, desses de novecentos-e-sessenta réis em cunho, mas que na Januária por ele dão dois mil-réis, ainda com senhoriagem de valer até aos dez, na capital.”⁹

⁹ Guimarães Rosa, *Op. cit.*, p. 402.

Aliás, não será por acaso que este episódio parece selar definitivamente o fracasso do projecto civilizacional de Zé Bebelo. Por certo, e conforme já referimos, o plano da enunciação narrativa comporta logo sinais tendentes à relativização da modernidade e da racionalidade incorporadas na personagem. Por certo, o plano do enredo já passou pela sua detenção e julgamento, pela sua retomada do guerrear em função do objectivo cordial de vingar Joca Ramiro e pelas suas constantes oscilações entre um certo jaguncismo e os valores jurídico-políticos da cidade, da burguesia e do capitalismo. Porém, agora é ele próprio que começa a interiorizar a sua incapacidade de cumprir as suas metas e de modificar radicalmente o sertão. Daí que comece a experimentar o medo. Daí que não saiba orientar os seus homens no caminho certo. Daí que venha a perder a chefia para Riobaldo e acate sem resistência um novo “exílio”. A atemorização face à ameaça da peste foi mero pretexto para acelerar a sua derrocada. O sertão profundo, arcaico, medieval e conservador ainda persiste durante os tempos conturbados da República Velha. Em larga medida, ainda não tem lugar para Zé Bebelo.

O sertão representado no romance corresponde a um espaço periférico do sistema mundial e ele mesmo está em atraso no contexto brasileiro. Como bem salientou Walnice Nogueira Galvão, a ficção está aqui apoiada numa matéria histórica muito marcada por vários arcaísmos. A criação de gado à gandaia em detrimento da pecuária em estábulos modernos. A produção orientada para a subsistência ou para segmentos secundários do mercado interno em vez da produção industrial virada para o estrangeiro. O povoamento disperso e pouco numeroso em lugar das cidades. A propriedade e o trabalho informal contra a titularidade e o salariedade legalizados. A força do coronelismo contra os princípios constitucionais da República. A ética costumeira contra as instituições legais. Tudo isso aponta para limitações que determinariam o fracasso da modernidade trazida no bojo por Zé Bebelo, sobretudo quando o tempo histórico em que ele desenvolve a sua acção civilizadora está algures entre a

queda da monarquia e um bom par de anos antes do período getulista da República Nova¹⁰.

Embora ele represente:

“[...]o papel histórico do princípio centralizador e republicano, em oposição ao princípio federativo e localista representado pelos coronéis –Joca Ramiro e seus pares—com seus bandos privados.”¹¹,

a realidade sertaneja como que se revela ainda insuficientemente amadurecida para o devir histórico por si defendido. O patriarcalismo ainda subsiste em certos municípios recônditos e o seu sucedâneo coronelista é bastante forte para impor uma relação equilibrada com os poderes estaduais e central. A força armada, o clientelismo, a fraude eleitoral e a prática do voto não secreto conferem aos localismos a possibilidade de retardar o avanço da racionalidade política moderna. Atrasando-se igualmente a modernidade de conjunto nesta enorme periferia quase pré-capitalista a que se chama o sertão.

De modo alegórico, tal é a realidade que encontramos ficcionada no *Grande Sertão: Veredas* e Zé Bebelo torna-se um símbolo que transcende a dimensão meramente política rumo a uma dimensão civilizacional. Provavelmente, ele representa o fracasso da modernidade na periferia sertaneja e no próprio Brasil, cuja incapacidade para homogeneizar e unificar o todo nacional se vê assim denunciada. Aliás, até mesmo os estudos com uma orientação esotérica ou linguística convergem na interpretação da figura de Zé Bebelo enquanto alguém falhado e limitado. Por exemplo, em *Bruxo da Linguagem no “Grande Sertão”*, Consuelo Albergaria considera-o inapto para atingir o estádio superior do

¹⁰ Não é possível datar com precisão o enredo e o acto da enunciação. Porém, Guimarães Rosa fornece elementos suficientes para situar o enredo no período da República Velha e há na enunciação de Riobaldo uma referência à famosa coluna Prestes, o que permite situar o seu relato em meados dos anos 1920. Cf., por exemplo, Walnice Nogueira Galvão, *Op. cit.*, pp. 63-64.

¹¹ Walnice Nogueira Galvão, *Op. cit.*, p. 64.

esoterismo, quedando-se apenas como “homem comum” em contraste com Riobaldo alcandorado a “homem verdadeiro”¹². E, em *Recado do Nome. Leitura de Guimarães Rosa à Luz do Nome de seus Personagens*, Ana Maria Machado atribui aos nomes de Zé Bebelo dimensões pouco condignas do seu projecto civilizacional. Remete para “re-bellum”, o que equivale à recorrência da guerra. Chama a atenção para a adopção dos nomes dos famosos chefes jagunços que começou por combater¹³, o que corresponde a preito e particularidade pessoal incompatíveis com a racionalidade moderna. Em suma, ele não é a personagem por onde o romance e Guimarães Rosa fazem passar a possibilidade de melhorar o sertão e o Brasil, conferindo-lhes unidade e aproximando-os ao centro do sistema capitalista mundial.

4. A modernização conservadora

No *Grande Sertão: Veredas*, há um episódio em que essa possibilidade está representada por uma outra personagem e parece corresponder muito melhor à visão do mundo de Guimarães Rosa. O episódio é o tribunal do sertão. A personagem é Joca Ramiro. Ao longo de muitas dezenas de páginas e constituindo um ponto nodal do romance, o julgamento de Zé Bebelo pelos bandos comandados por Joca Ramiro concentra todas as tensões¹⁴. O arcaico e o moderno. O particular e o universal. O local e o nacional. O privado e o público. A afectividade e a racionalidade. O simples facto de Zé Bebelo não ser imediatamente

¹² Cf. Consuelo Albergaria, *Bruxo da Linguagem no “Grande Sertão”. Leitura dos Elementos Esotéricos presentes na Obra de Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977, pp. 61-63.

¹³Cf. Ana Maria Machado, *Recado do Nome. Leitura de Guimarães Rosa à Luz do Nome de seus Personagens*, São Paulo, Martins Fontes, 1991, pp. 48-50.

¹⁴ Na edição por nós utilizada, o episódio do “tribunal do sertão” ocupa as pp. 270-301.

executado e de a sua proposta de julgamento ser habilmente aceite por Joca Ramiro já representa um importante ganho civilizacional para o sertão, pois contrariava a ética costumeira. Comportando um processo de acusação, defesa e sentença, o tribunal sertanejo incorporava regras mínimas da racionalidade jurídica moderna e envolvia a comunidade local sem ser vista como uma imposição exterior, fosse das autoridades estaduais, do governo central ou de modelos estrangeiros altamente racionalistas. Portanto, havia aqui uma possibilidade de ponte para articular os pólos opostos que atravessam todo o romance.

No episódio, o entendimento não se revela nada fácil. Joca Ramiro e Zé Bebelo encarnam forças históricas muito diferenciadas:

“–‘O senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos de seu costume velho de lei...’

--‘Velho é, o que já está de si desencaminhado. O velho valeu enquanto foi novo...’

--‘O senhor não é do sertão. Não é da terra...’

--‘Sou do fogo? Sou do ar? Da terra é a minhoca—que galinha come e cata: esgaravata’ “¹⁵.

O patriarcalismo e a sua versão coronelista ressoam nas palavras do principal chefe jagunço. O antigo, o costume, a autoridade local e o culto da terra são valores contra os quais Zé Bebelo, a cidade e a modernidade se levantaram. Porém, o homem que “*queria saber tudo, dispor de tudo, poder tudo, tudo alterar*” vai acabar por reconhecer que a onipotência da razão tem limites e que há também forças esclarecidas no interior do sertão, embora orientadas por outra mundividência. Sem alcançar uma perspectiva universalista, vários são os chefes e elementos da arraia-miúda, entre eles Riobaldo, a pronunciarem-se contra a sua execução, a pugnam pela sua absolvição e a defenderem um mínimo de regras civilizadas

¹⁵ Guimarães Rosa, *Op. cit.*, pp. 276-277.

no contexto do confronto. Com o tempo, talvez seja viável uma solução de compromisso. Daí Zé Bebelo afirmar na sua defesa:

“Estou vendo que a gente só brigou por um mal-entendido, maximé. Não obedeco ordens de chefes políticos. Se eu alcançasse, entrava para a política, mas pedia ao grande Joca Ramiro que encaminhasse seus brabos cabras para votarem em mim, para deputado... Ah, este Norte em remanência: progresso forte, fartura para todos, a alegria nacional! [...]A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro...”¹⁶.

A sua absolvição pelo tribunal e por decisão soberanamente sábia de Joca Ramiro vem coroar a possibilidade de resolver todas as tensões. Vem trazer a possibilidade edénica de haver um alargamento do vale do Guararavacã do Guacuí ao sertão e ao Brasil. Coisa que o assassinato de Joca Ramiro por Hermógenes e Ricardão logo impugna.

Na sua interpretação do *Grande Sertão: Veredas* em geral e do episódio do tribunal do sertão em particular, Luiz Roncari recorre ao conceito de modernização conservadora. Ao invés de a modernidade sertaneja resultar da aplicação de projectos copiados do estrangeiro desenvolvido ou de imposições estatais forjadas pelos centros litorâneos do Brasil, ela resultaria ficcionalmente de um outro processo. De um processo controlado por elites locais, assimilado progressivamente pelas populações, negociado com os poderes estaduais e central, e apostado numa nova ordem civilizacional sob a batuta de uma figura autoritária, paternalista e carismática. Daí Joca Ramiro pairar acima de todos como um imperador. Daí Zé Bebelo se submeter. Daí Luiz Roncari interpretar que Guimarães Rosa teria elaborado naquele uma

¹⁶ Guimarães Rosa, *Op. cit.*, pp. 294-295.

figura alegórica de Dom Pedro II, ao passo que neste a referência seria Pinheiro Machado¹⁷. Na sua visão do mundo conservadora e religiosa, mais valeria uma modernidade por pequenos passos reformistas, por contenção de sobressaltos revolucionários e por negociações feitas a partir de cima do que a transposição pura e simples da racionalidade moderna na forma de constituições, instituições e modos de ver oriundos dos países centrais do sistema mundial capitalista.

5- Conclusão

Provavelmente, Guimarães Rosa nunca terá sido muito receptivo à racionalidade cartesiana, iluminista e científica. Em *Sagarana*, sua obra inicial, os contos estão muito marcados pela sua desvalorização e por uma certa religiosidade que parece ir do cristianismo místico de “*A hora e vez de Augusto Matraga*” à magia de “*São Marcos*” e ao fatalismo de “*A volta do marido pródigo*”. Em termos biográficos, o seu catolicismo ecumênico e o seu interesse pelos mais variados fenômenos espirituais atestam igualmente tal desvalorização.

Quando escreve *Grande Sertão: Veredas*, nada parece estar alterado a este respeito. Por isso, o próprio Riobaldo é quase uma súplica dessa mundividência do autor e a modernidade acaba por se propor ao sertão sem a onipotência arrogante da razão. Empurrado por um contexto brasileiro em que as temáticas da modernização do país e do desenvolvimento do interior se tornaram preponderantes, Guimarães Rosa não podia deixar de ter no horizonte da sua criação romanesca esses tópicos recorrentes na história nacional. Ainda por cima quando se estava a desencadear uma dinâmica conducente ao desenvolvimentismo de Juscelino

¹⁷ Para esta categoria da “modernização conservadora” e para estas correspondências das personagens romanescas com figuras históricas, cf. Luiz Roncari, *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano*, São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp, 2004, pp. 265-294, 299-300 e 313-314.

Kubischek, ao Plano de Metas, ao optimismo do slogan “50 anos em 5”, à SUDENE e à criação de Brasília. Mais ou menos conscientemente, mais ou menos alegoricamente, é provável que o escritor brasileiro tenha incutido no *Grande Sertão: Veredas* uma reacção de suspeita e cautela a toda esta dinâmica optimista. Refractário à omnipotência da razão, curtido no horror da II Guerra Mundial, influenciado por ideias existencialistas e fenomenologistas, trabalhado por representações conservadoras da história brasileira e cónscio do carácter periférico do país, Guimarães Rosa estaria, pois, a ficcionalizar os seus receios e esperanças face à incorporação do sertão e do conjunto do Brasil à modernidade. Seria possível o império da legalidade sem fraudes e particularismos? A violência no campo e na cidade seria contida? A redistribuição da riqueza e da terra poderia ser objecto de reformas políticas sem redundar no fim das elites e sem revoluções? A inclusão social seria possível e levaria a saúde, a educação, o saneamento básico e as comodidades do progresso a todos os recantos do Brasil? A harmonização do interior e do litoral seria, por fim, uma realidade? E tudo isto se poderia fazer através de uma via específica da nação brasileira e com o contributo das elites sertanejas, afastando para o lado e tanto quanto possível os modelos importados do centro do sistema capitalista mundial?

Todas estas questões perpassam *Grande Sertão: Veredas*. E aí o passado da República Velha pode, de certa forma, ser assumido como um presente ainda actuante nos anos 50. Por isso, na célebre entrevista concedida a Günther Lorenz, Guimarães Rosa afirma que “*Riobaldo é o sertão feito homem. [...] melhor, é apenas o Brasil*”¹⁸. Por outras palavras, Riobaldo é símbolo do fim dos aspectos mais demoníacos de uma realidade ainda marcada por muitas insuficiências e onde a modernidade está por cumprir até em questões básicas, remetendo-se assim implicitamente Zé Bebelo para uma espécie de paródia dessa mesma

¹⁸ A entrevista encontra-se reproduzida em Günther Lorenz, “*Diálogo com Guimarães Rosa*” in *Guimarães Rosa*, colectânea organizada por Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, pp. 62-97. As afirmações citadas estão nas pp. 95-96.

modernidade. Ele “*queria saber tudo, dispor de tudo, poder tudo, tudo alterar*”, mas não o podia fazer ao tempo da República Velha, quando era figura excepcional. E os seus sucedâneos também não estão em condições de revolucionar racionalmente tudo, embora já sejam suficientes para impulsionar políticas estatais. Afinal, estão no Brasil e no sertão, espaços periféricos de um sistema mundial capitalista cujo centro apenas cumpriu parcialmente a modernidade e onde a onipotência da razão é há muito questionada.

No Brasil e no sertão, a demolição racional do arcaico, do local e do cordial não é tão profunda e veloz quanto aquela que o capitalismo europeu operou através da Revolução Industrial. No *Fausto*, de Goethe, nem sequer a velha cabana e o minúsculo jardim de tílias dos idosos Filémon e Báucis escapam à voragem desenvolvimentista do pactário Fausto. Ele já tem tudo, mas ainda quer esse último reduto do passado e ordena a Mefistófeles o cumprimento da ordem que determina a sua extinção. A ordem é executada e o casal de idosos acaba por morrer. O mundo gótico está esgotado e o herói trágico travestido de pactário já não faz falta. Fausto morre¹⁹. No *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo apenas elimina os elementos mais intoleráveis da realidade sertaneja. Enquanto correias de transmissão dos tempos do velho patriarcalismo e da escravidão, Hermógenes e Ricardão são mortos. Dá-se uma relativa pacificação. Contudo, muito fica por fazer. O próprio coronelismo não é erradicado. Riobaldo acaba latifundiário e trivialmente casado com Otacília. Zé Bebelo parece ser agora um mero negociante de gado e dedicar-se a projectos que já não passam exactamente pela modernidade do sertão: “*Não queria saber do sertão, agora ia para a capital, grande cidade. Mover com comércio. Estudar para advogado.*”²⁰. Enfim, ele era como que a modernidade na periferia e indicava as esquinas perigosas que o Brasil ainda teria de percorrer para alcançar rumo ao centro do sistema mundial capitalista.

¹⁹ Cf. Marshall Berman, *Todo lo sólido se desvanece en el Aire. La experiencia de la modernidad*, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 1989, próprio. 52-64, e Goethe, *Fausto*, 11045-11585 (a edição utilizada tem a tradução de João Barrento, Lisboa, Relógio d' Água, 2003).

²⁰ Guimarães Rosa, *Op. cit.*, p. 622.

BIBLIOGRAFIA

A- Obras e entrevistas de Guimarães Rosa

Sagarana, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 28ª edição, 1984.

Grande Sertão: Veredas, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 19ª edição, 2001.

“*Diálogo com Guimarães Rosa*” in *Guimarães Rosa*, colectânea organizada por Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, pp. 62-97.

B- Estudos sobre a obra de Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas*

Albergaria, Consuelo, *Bruxo da Linguagem no “Grande Sertão”. Leitura dos Elementos Esotéricos presentes na Obra de Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.

Cândido, Antônio , “*O Homem dos Avessos*”, in *Guimarães Rosa*, colectânea organizada por Eduardo Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

Galvão, Walnice Nogueira , *As Formas do Falso. Um Estudo sobre a Ambiguidade no “Grande Sertão”*, São Paulo, Perspectiva, 1986.

Machado, Ana Maria, *Recado do Nome. Leitura de Guimarães Rosa à Luz do Nome de seus Personagens*, São Paulo, Martins Fontes, 1991.

Proença, Cavalcanti , *Trilhas no Grande Sertão*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958.

Roncari, Luiz, *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano*, São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp, 2004.

C- Outras obras e estudos

Berman, Marshall, *Todo lo sólido se desvanece en el Aire. La experiencia de la modernidad*, tradução de Andrea Morales Vidal, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 1989

Goethe, *Fausto*, tradução de João Barrento, Lisboa, Relógio d' Água, 2003.

Habermas, Jürgen, *O Discurso Filosófico da Modernidade*, tradução de Ana Maria Bernardo e outros, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000

Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa , “*A poesia e o sistema mundial*”, in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Portugal: um Retrato Singular*, Porto, Afrontamento, 1993